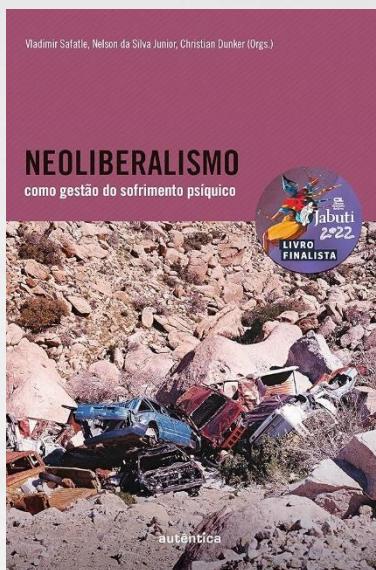


**RESENHA****Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico****Igor Vaz<sup>1</sup>****Universidade Federal de Pernambuco**

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA/UFPE), membro dos grupos de pesquisa Família, Gênero e Sexualidade (FAGES/UFPE), Laboratório de Antropologia Visual (LAV/UFPE) e coordenador da Revista de Investigações e Estudos Antropológicos (REIA).

## Sobre a interdisciplinaridade epistemológica do sofrimento psíquico e a experiência do adoecimento mental

No atual campo das pesquisas sobre sofrimento psíquico, neoliberalismo e adoecimento mental, poucos grupos de pesquisa possuem uma produção tão relevante quanto o Laboratório Interunidades de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise, também conhecido como Latesfip. Coordenado por Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker, o Latesfip busca promover uma discussão interdisciplinar e multifacetada a respeito da relação entre áreas não tão distintas das ciências humanas, estabelecendo o necessário entendimento de que a saúde mental não é e não pode ser uma exclusividade disciplinar da cura e doença clínica, mas um complexo entrelaçamento de saberes, poder, hegemonia, e sobretudo disputa política.

Essa tríplice análise disciplinar certamente traz um frescor para o campo dos conhecimentos psi, tema discutido na publicação do livro “Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico” (SAFATLE, DA SILVA JUNIOR e DUNKER, 2018), já apontando para o interesse dos autores em tecer uma teoria crítica do sofrimento no capitalismo tardio, atravessando temas como a definição moderna de psicopatologia, os efeitos da venda e consumo de psicofármacos, e a relevância epistemológica da psicanálise na concretização de uma visão universal sobre o sofrimento.

### A gestão do sofrimento psíquico

Indicado para o Jabuti de 2021 na categoria Ciências Humanas, o livro *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (SAFATLE, DA SILVA JUNIOR e DUNKER, 2021) já se tornou uma obra fundamental na produção brasileira sobre o tema do neoliberalismo e psicanálise, revelando em poucos capítulos a profundidade com que o tema do sofrimento se configura em nossa sociedade, e propondo novas formas de pensar que tipo de sofrimento é esse que experienciamos, quais seus determinantes sócio-históricos, quais os discursos que promovem sua perpetuação, e como as instituições são influenciadas ou influenciam nessa produção de sofrimento.

Sob a proposta de que o sofrimento psíquico é gerenciado pelas práticas de uma perspectiva neoliberal de mundo, o livro busca destrinchar esse tema em três partes. Essas três partes se configuraram para inicialmente apresentar o problema do neoliberalismo em sua dimensão global, em seguida os efeitos que esse pensamento possui na produção dos conhecimentos e diagnósticos psi, para ao fim explorar um pouco do caso brasileiro contemporâneo.

A primeira parte se ocupa de apresentar o que vem a ser uma “economia moral neoliberal”, apresentando como a ciência econômica se apropria e instrumentaliza uma série de concepções e conceitos da psicologia para justificar sua visão de mundo austera, como por exemplo na metáfora de que o Estado é “como uma família”, precisando as vezes ter “pulso firme” para conter gastos, quando na verdade o Estado possui amplos poderes que em nada podem ser comparados a uma economia familiar. A análise dos “humores” do mercado, a importância de conceitos como liberdade, escassez ou individualismo, são amostras de como a economia é pautada por uma noção da racionalidade inerente ao ser humano, e herdada por uma série de justificações psicológicas para tanto, sendo pela ideia do Estado e coletividade que percebemos o quanto paranoica é a visão dos autores neoliberais sobre perderem a própria liberdade e o valor supremo da individualidade, e como bem coloca Safatle, “As relações de trabalho foram ‘psicologizadas’ para serem mais bem geridas,” (SAFATLE, DA SILVA JUNIOR e DUNKER, 2021: 31). Nesse sentido, somos apresentados a uma leitura foucaultiana a respeito do poder sobre os corpos (FOUCAULT, 1998), atravessado pela maneira como as instituições desenvolvem processos de subjetivação do “espírito” neoliberal.

Tal subjetivação é explicada no segundo bloco, no modo como os conhecimentos psi tiveram uma influência indireta desse “espírito” neoliberal. Nesse bloco, o foco não é uma análise filosófica sobre os entrelaçamentos entre economia, moral e ciência, mas a maneira como o advento das doenças mentais (particularmente pelo livro DSM-5<sup>2</sup>), está bastante calcado numa internalização epistêmica desses valores. Os autores apontam para as mudanças históricas das doenças mentais, a relação da indústria farmacêutica com os diagnósticos e classificações nosológicas, chegando ao impressionante texto de Dunker onde ele propõem o fim do uso da categoria de doença *borderline*, sugerindo que a aplicação dessa categoria reflete condições dicotônicas de nossa sociedade que transbordam dos sujeitos, e não necessariamente uma doença mental, sendo esse um problema muito mais referente as práticas clínicas e as concepções de mundo dos profissionais psi.

Nesse ponto, creio que a antropologia possui muito a contribuir com seu arcabouço metodológico. Compreendo que a proposta dos organizadores da coletânea venha a ser a análise teórica densa, mas carece do que nós da antropologia compreendemos por agência dos sujeitos, e contextos em que não só o pesquisador, mas as pessoas também estão presentes. Por mais que a proposta seja em uma direção hermenêutica, o corpo não se faz presente nesses trabalhos, e faz falta compreender como esses discursos, epistemes e instituições incidem na vida das pessoas. Existem muitos trabalhos na antropologia de gênero que contribuem para compreender em termos etnográficos essas instâncias de sofrimento e violência na vida das pessoas, tal como nos trabalhos de Isadora França (2017) sobre os “Refugiados LGBTI” nos entrecruzamentos de gênero, sexualidade e violência; Natália Lago (2019) sobre as prisões e a relação com “mulheres de preso” e os tipos de sofrimento que são encadeados familiarmente; ou no caso do trabalho de Lucas Freire (2016), sobre a produção dos sujeitos/corpos transexuais na perspectiva do Estado para a obtenção de direitos. Esses trabalhos não só surgem de excelentes etnografias voltados para o tema do gênero e sexualidade, mas também fazem parte de uma tradição da crítica à psicanálise, da produção e controle dos corpos, e mesmo dos efeitos nocivos do neoliberalismo na vida cotidiana das instituições do Estado.

Por tanto, não creio que esse livro falhe ao não trazer exemplos etnográficos, mas percebo essa obra como um caso excelente em que o trabalho etnográfico pode tornar a análise do sofrimento no neoliberalismo ainda mais densa. A gestão do sofrimento não é apenas um produto de condições macrosociais em que os sujeitos estão submetidos, mas perceptíveis pelo método etnográfico na maneira minuciosa em que esses processos são destrinchados na intersubjetividade ampla do trabalho de campo etnográfico.

Por fim, o terceiro bloco evidencia os problemas políticos contemporâneos da sociedade brasileira vinculados ao sofrimento e neoliberalismo, em especial os acontecimentos referentes a ascensão das igrejas evangélicas, na eleição de líderes de extrema-direita que beiram ao fascismo, e da pandemia de COVID-19. Esses acontecimentos estão conectados pela teologia da prosperidade cristã, na relação entre fascismo e liberalismo econômico, chegando até a necropolítica dos corpos matáveis durante a pandemia de COVID-19, interconectados pela mesma matriz ideológica do neoliberalismo, analisado nos capítulos anteriores. Com descreve Nelson Da Silva Junior no último capítulo da coletânea, o neoliberalismo não promove uma disputa justa, mas tenta erodir as condições coletivas de entendimento sobre o Eu e o Outro, e quando pensamos essa chave conceitual na forma como o sofrimento e as doenças mentais são vivenciadas, percebe-se “uma concepção de sujeito cuja liberdade depende do seu caráter associado” (SAFATLE, DA SILVA JUNIOR e DUNKER, 2021: 271).

## Considerações Finais

Será que o sofrimento psíquico está engendrado em um modelo de gestão neoliberal? Certamente o neoliberalismo emplaca uma rivalidade com o Estado bastante curiosa, onde é necessário “desconstruir”<sup>3</sup> muita coisa para criar algo novo, sendo que o neoliberalismo carece de quaisquer mecanismos pragmáticos capazes de “criar” alguma coisa posterior a destruição.

A coletânea “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico” é publicada em um momento de intenso debate sobre a extrema-direita no Brasil e no mundo, e sua teoria crítica tanto a psicanálise quanto aos modelos de corpo psi, certamente produzem uma perspectiva que carece de ênfase, dado ao discurso difundido sobre as doenças mentais, seus determinantes biológicos e sua “epidemiologia”<sup>4</sup>. Creio que o texto sofre ausências etnográficas que em muito seriam capazes de expressar a perspectiva das pessoas que sofrem, afinal, o neoliberalismo é um adversário frontal das chamadas “pautas identitárias”, que nada mais são que os grupos não-hegemônicos de nossa sociedade, postos em lugar de subalternidade e desapropriação dos direitos básicos a vida, saúde e trabalho.

Compreendo as dificuldades de traçar tantos territórios disciplinares, e creio que em nada reduza a importância dessa coletânea, que diga-se de passagem, foi produzida por um largo grupo de pesquisa onde mestrandos e doutorandos também colaboraram intensamente na escrita e pesquisa, revelando que o campo do conhecimento sobre sofrimento psíquico e neoliberalismo no Brasil possuí um futuro bastante promissor, onde a interdisciplinaridade se faz fundamental, tal como a crítica e a proposta aberta de diálogos disciplinares, e espero que nesse futuro promissor, a antropologia se torne ainda mais presente na elaboração de

<sup>3</sup> <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/03/18/nos-temos-e-que-desconstruir-muita-coisa-diz-bolsonaro-durante-jantar.ghtml>

<sup>4</sup> <https://www.ufmg.br/90anos/a-epidemia-e-de-diagnosticos-nao-de-transtornos-mentais-diz-especialista-da-unicamp/>

um entendimento moderno sobre saúde e doença mental, menos centrado no diagnóstico e medicação, e mais focado numa proposta holística de manutenção coletiva pela solidariedade e cuidado ao outro.

Recebido em 28 de agosto de 2023.

Aceito em 30 de maio de 2024.

## Referências

LAGO, Natália. Dias e noites em Tamara – prisões e tensões de gênero em conversas com “mulheres de preso”. *Cadernos Pagu*, 55: 1-26, 2019.

FRANÇA, Isadora. “Refugiados LGBTI”: direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência. *Cadernos Pagu*, 50: 1-38, 2017.

FREIRE, Lucas. Sujeitos de papel: sobre a materialização de pessoas transexuais e a regulação do acesso a direitos. *Cadernos Pagu*, 48: 1-34, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; e DUNKER, Christian. *Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; e DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

VAZ, Igor.  
Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico (Resenha)



371

VOLUME 12  
NÚMERO 29  
(MAI./AGO.2025)

PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE ABRIL  
DE 2025

**ACENO**  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

**CHAMADA DE ARTIGOS**

DOSSIÊ TEMÁTICO:

MÍDIAS DIGITAIS E SUAS  
IMPLICAÇÕES NA VIDA COTIDIANA:  
CONTRIBUIÇÕES ANTROPOLÓGICAS

COORDENADORXS:

DRA. CAROLINA PARREIRAS (USP)

DRA. LARA ROBERTA RODRIGUES FACIOLI (UFPR)

**E**ste dossiê temático tem como objetivo principal reunir investigações sobre as complexas relações entre cultura, sociedade e mídias digitais. Pretende abordar uma variedade de tópicos interligados, incluindo a midiatização de diferentes aspectos da vida social, os chamados processos de plataformização e digitalização da vida, o desenvolvimento dos formatos de comunicação digital, a influência das mídias nas identidades individuais e coletivas, os aspectos metodológicos em torno da realização de pesquisas que se utilizam (ou tomam como foco) o digital, e questões éticas relacionadas à privacidade e à participação digital. Assim, buscamos compreender como a midiatização afeta e é afetada por diversas esferas sociais, examinando suas implicações culturais, políticas e nos processos de subjetivação. Além disso, exploraremos como as mídias digitais estão moldando as formas de comunicação e interação entre indivíduos e comunidades, bem como seu papel no ativismo e na mobilização políticas que constituem esses territórios, assim como sobre os efeitos antropológicos de estar, ou ter estado, neles.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

28